



**POR UM BRUTALISMO SOCIAL: A obra de Frank Svensson em Pernambuco**

**POR UN BRUTALISMO SOCIAL: La obra de Frank Svensson en Pernambuco**

**FOR A SOCIAL BRUTALISM: The work of Frank Svensson in Pernambuco**

**TERESA RAQUEL DUTRA CAHÚ (1); ARISTÓTELES DE SIQUEIRA CAMPOS CANTALICE II (2)**

1. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, CCT UNICAP.

Dep. de Arquitetura da Universidade Católica de Pernambuco - R. do Príncipe, 526, Recife – PE  
teresacahu@gmail.com

2. Doutor em Desenvolvimento Urbano (2015), PPG-MDU UFPE.

Dep. de Arquitetura da Universidade Católica de Pernambuco - R. do Príncipe, 526, Recife – PE  
Cantalice2@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-2730-0890>

## RESUMO

Frank Algot Eugen Svensson (1934-2018) foi um arquiteto e urbanista de orientação política esquerdista que realizou projetos importantes no cenário brasileiro, mas ainda é pouco explorado pela historiografia. Além de exercer a função de arquiteto, Svensson foi professor da UnB e escreveu importantes livros como *Arquitetura, Criação e Necessidade* (1992) e *Visão de Mundo: Arquitetura* (2001). Em 1961 – em decorrência de seu trabalho de graduação ter sido exposto na VI Bienal de São Paulo e ganhado o prêmio internacional destinado a escolas de arquitetura – Svensson foi convidado para atuar na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, na sede de Recife, sob o plano de Celso Furtado. Durante seu período de atividade em Pernambuco (1963-1970), seja enquanto servidor público ou como profissional liberal (em sociedade com Marcos Domingues), contribuiu com importantes projetos para a consolidação da arquitetura moderna em Pernambuco, projetos estes que procuraram unir sua peculiar visão de arquitetura como manifestação social alinhada com referências à arquitetura do brutalismo em ascensão naquele período. Sendo assim, esse artigo procura contextualizar e examinar tanto a produção quanto o percurso de Svensson em Pernambuco.

**Palavras-chave:** Frank Svensson; Pernambuco; SUDENE; brutalismo.

## RESUMEN

Frank Algot Eugen Svensson (1934-2018) fue un arquitecto y urbanista de orientación política de izquierda que realizó importantes proyectos en el escenario brasileño, pero todavía es poco explorado por la historiografía. Además de ejercer la función de arquitecto, Svensson fue profesor de la UNB y escribió importantes libros como *Arquitetura, Criação e Necessidade* (1992) y *Visão de Mundo: Arquitetura* (2001). En 1961 - en consecuencia de su trabajo de licenciatura haber sido expuesto en la VI Bienal de São Paulo y ganado la premiación internacional destinada a las escuelas de arquitectura - Svensson fue invitado a actuar en la Superintendencia del Desarrollo del Nordeste - SUDENE, en la sede de Recife, bajo el plan de Celso Furtado. Durante su período de actividad en Pernambuco (1963-1970), sea encuanto servidor público o como profesional liberal (en sociedad con Marcos Domingues), contribuyó con importantes proyectos para la consolidación de la arquitectura moderna en Pernambuco, proyectos estos que buscaran unir su peculiar visión de arquitectura como manifestación social alineada con referencias a la arquitectura del brutalismo en ascensión en aquel período. Siendo así, este artículo busca contextualizar y examinar tanto la producción cuanto la ruta de Svensson en Pernambuco.

**Palabras-clave:** Frank Svensson; Pernambuco; SUDENE; brutalismo.

## ABSTRACT

Frank Algot Eugen Svensson (1934-2018) was an architect and urbanist with left-wing political orientation who developed important projects in the brazilian scene, but is still poorly explored by historiography. Besides working as an architect, Svensson was a professor at UnB and wrote important books such as *Arquitetura, Criação e Necessidade* (1992) and *Visão de Mundo: Arquitetura* (2001). In 1961 - as a result of his undergraduate work being exhibited at the VI São Paulo Biennial and winning the international award for architecture schools - Svensson was invited to work at the Superintendency of Development of the Nordeste - SUDENE, headquartered in Recife, under the plan of Celso Furtado. During his period of activity in Pernambuco (1963-1970), whether as a public servant or as a liberal professional (in partnership with Marcos Domingues), he contributed with important projects for the consolidation of modern architecture in Pernambuco, projects that seek to unite his peculiar vision of architecture as a social manifestation aligned with references to the architecture of the brutalism in ascension in that period. Thus, this article looks for contextualize and examine both the production and the course of Svensson in Pernambuco.

**Keywords:** Frank Svensson; Pernambuco; SUDENE; brutalism.





## INTRODUÇÃO

As décadas de 50 e 60 do século XX - que correspondem ao período do segundo pós-guerra europeu - destacam-se por uma nova sensibilidade em arquitetura comumente denominada de "brutalismo". Essa sensibilidade enaltece - entre tantos aspectos - a agregação das críticas sociopolíticas da época a expressão arquitetônica e a busca pela verdade dos materiais, principalmente através da exploração de novos métodos construtivos e da releitura das técnicas tradicionais que resgatam o imaginário da população local como bem aponta Reyner Banham:

El brutalismo llegó, ciertamente, a ser "una arquitectura", un idioma, un estilo vernáculo; estética lo bastante universal para expresar una variedad de modalidades arquitectónicas, incluso perdiendo algo del favor moral que iluminó sus primeras pretensiones de ser una ética. (BANHAM, 1989, p. 89)

Em Pernambuco, um novo olhar para a arquitetura moderna foi consolidado a partir da década de 1950 – sem esquecer as contribuições anteriores – com a chegada de arquitetos como o italiano Mário Russo, o carioca Acácio Gil Borsoi e o português Delfim Amorim, que trouxeram tanto para o campo profissional quanto para o acadêmico os cânones mais básicos da arquitetura moderna. Durante a década de 1960 essa arquitetura moderna continua em plena ascensão em Pernambuco, no entanto, a partir do período de ditadura militar, muitos arquitetos, no intuito de se manifestar diante desse cenário nacional utilizavam a própria arquitetura como objeto emancipador, como bem afirma Hugo Segawa (1999) no caso paulista, mas que pode ser aplicado também a algumas manifestações que aconteceram em Pernambuco:

O arquiteto de São Paulo pretendia demonstrar uma tese: que a responsabilidade social do arquiteto se sustentava no conceito do projeto como um instrumento de emancipação política e ideológica. (SEGAWA, 1999, p. 144)

Essa visão do projeto como manifestação social de seu meio pode ser vista na obra de vários arquitetos brasileiros, mas em Pernambuco, um dos nomes que merece destaque é o do mineiro Frank Svendsen, que possui um pequeno, porém expressivo, acervo de obras construídas durante o período que esteve em Pernambuco entre 1963-1970.

Frank Algot Eugen Svensson era brasileiro e filho de pais suecos. Como tal expressava em si a tensão entre diferentes culturas, línguas, e maneiras de ver o mundo em face dos sistemas sociais de nossa época (SVENSSON, 1992). Além disso, desde cedo, Svensson teve contato com fortes contrastes sociais devido ao trabalho como pastor realizado por seu pai em zonas carentes, de forma que desde cedo foi estimulado a questionar a realidade em que estava inserido<sup>1</sup>.

Em 1940, aos dezesseis anos, quando estava cursando o ensino médio, Svensson começou a trabalhar em um escritório de engenharia, porém, o serviço realizado não era diretamente relacionado à arquitetura<sup>2</sup>. Mesmo assim, mais tarde, em 1958, ingressa na Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, uma das primeiras da América do Sul que não era vinculada à Escola de Belas Artes.

Durante o seu período de formação, Svensson passou a demonstrar certa afinidade com o ideário comunista, se afiliando ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1959. Segundo o próprio Svensson<sup>3</sup>, ele não aprendeu na faculdade de arquitetura o que era arquitetura, isso foi a vida que lhe ensinou. Para Svensson, a preocupação de uma visão social e marxista do mundo aparecem, então, como elementos essenciais da sua maneira de projetar.

Ainda na faculdade iniciou seu contato com Oscar Niemeyer – também militante do PCB – quando este o convidou para estagiar em Brasília. A partir desse encontro, praticamente todos os períodos de férias escolares foram passados na nova capital.

---

<sup>1</sup> Apesar desse artigo se limitar a explorar as primeiras obras de Svensson em Pernambuco, durante todo seu percurso profissional ele vai explorar e estudar esse forte contraste entre realidades, cabe nessa pequena nota citar alguns destes. Em 1973 Svensson foi enquadrado na Lei 477 do Ato AI5, tendo partido exilado para a Argélia, onde, inclusive, trabalhou em parceria com Oscar Niemeyer como colaborador. Pouco tempo depois foi para a Suécia, terra natal de seus pais, onde começou a lecionar como professor assistente. Entre 1979-82, foi para Angola, onde atuou como assessor do Ministério da Educação e foi convidado para estruturar o Curso de Arquitetura da Universidade Agostinho Neto, em Luanda. A seguir retornou para a Suécia, e obteve em Gotemburgo o título de doutor. Em 1988 foi anistiado, reestabelecendo sua atuação como professor da UnB (SVENSSON, 1992).

<sup>2</sup> Em entrevista concedida aos autores no dia 27 de janeiro de 2017.

<sup>3</sup> Em entrevista concedida aos autores no dia 27 de janeiro de 2017.



Svensson também teve contato com Vilanova Artigas em seu período de formação. Artigas foi inclusive paraninfo da sua turma. Ambos compartilhavam de uma linha de pensamento semelhante. Segundo Artigas:

...quando se fala de estilo internacional, qualquer comunista, como eu naquele tempo, logo sabia que o sentido de internacionalidade era de origem proletária, universal. Quer dizer, internacional pelo conteúdo, nacional pela forma. Uma arquitetura internacional seria aquela que servisse ao total da humanidade e tivesse suas formas nacionais cobrindo a internacionalidade da intenção. (ARTIGAS, 1989, p.60, *apud* SEGAWA, 1999, p.145).

Essa demonstração de ligação às raízes do lugar e internacionalização da intenção é também abordada por Svensson em *Arquitetura: criação e necessidade* (1992):

...é, na opinião do autor, um erro entender o nacional como os interesses internos do país, e o internacional, como os interesses externos. As nações se unem objetivamente por indispensável ação recíproca econômica, política e cultural. A principal afinidade internacional de todas as nações reside na objetiva necessidade de justiça e desenvolvimento social. O desenvolvimento social da nação é dependente da concordância internacional e do intercâmbio entre os países, para permitir um mais alto nível de qualidades econômicas e culturais. Para tanto, nossa época exige uma nova ordem mundial, tendente a eliminar as contradições entre países altamente industrializados e países pouco industrializados, com conseqüências, também, no campo da arquitetura. (SVENSSON, 1992, p. 15)

Svensson tem o desejo de mudar a sociedade através da arquitetura, no entanto, o faz através de sua própria visão de mundo, construída através de sua convivência com os mais diversos tipos sociais: "O conhecimento da vida vai se desenvolvendo muito vitimado pela construção, você tem as referências já construídas, o conhecimento de construção, já tem toda uma história das formas, mas o conhecimento sobre a vida é muito melhor."<sup>4</sup>

Ao experienciar essa nova sociedade do pós-guerra, Svensson vai utilizá-la para construir sua visão de mundo. Essa visão, que se aproxima dos ideais radicais de Antonio Miranda em *Arquitectura y Verdad* (2013) quando afirma que "*Arquitectura es civilidad materializada en el espacio-tiempo: razón civil, razón común, polis.*"

---

<sup>4</sup> Em entrevista concedida aos autores no dia 27 de janeiro de 2017.

(MIRANDA, 2013, p.25), procura defender uma arquitetura que em seu berço se desenvolve a partir do saber comum, da sociedade. Uma arquitetura não calcada num modismo de referências locais, mas sim, profundamente arraigada na cultura social e nos valores cívicos da humanidade, ou, como bem aponta Frampton em relação à produção do pós-guerra: “referindo-se diretamente às raízes socioantropológicas da cultura popular” (FRAMPTON, 2000, p.321).

Essa visão de mundo foi sintetizada em seu projeto de conclusão e rendeu a Svensson o prêmio internacional destinado às escolas de arquitetura em 1961<sup>5</sup>. Esse prêmio resultou em dois convites para o recém formado arquiteto, o primeiro para lecionar na UnB – Universidade de Brasília, e outro para atuar no ramo público, como arquiteto da SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, na época com sede em Pernambuco.

Esse artigo procura discorrer sobre o percurso de Frank Svensson em Pernambuco ao refletir diretamente sobre sua obra, procurando entender quais condições e contextos levaram a tomada de diretrizes em seus projetos, fossem ela de ordem estética, social, ou mesmo pessoal. Para tal, o artigo está estruturado de forma cronológica, onde, em um primeiro momento, discorreremos sobre a produção mais relevante do arquiteto enquanto contratado da SUDENE, enquanto que em um segundo momento, discorreremos sobre a sociedade com o arquiteto Marcos Domingues.

## **SVENSSON NA SUDENE**

Frank Svensson ingressou em 1963 na SUDENE<sup>6</sup>, na época sob o plano de Celso Furtado. Destinado a realizar projetos para a região nordeste brasileira, essa pode ser

---

<sup>5</sup> O prêmio foi conferido pelo seu trabalho de graduação - uma Universidade Operária no Vale do Rio Doce em Minas Gerais – laureado e exposto na VI Bienal de São Paulo.

<sup>6</sup> Sobre a SUDENE: “A Sudene foi criada como uma autarquia subordinada diretamente à Presidência da República, cabendo a Celso Furtado seu comando de 1959 a 1964. As diretrizes adotadas tinham como finalidade suprir a falta de coordenação entre os órgãos federais existentes, e a Superintendência deveria ser um órgão de planejamento, coordenador de políticas para o desenvolvimento do Nordeste.” (CABRAL, 2011, p.30)



considerada a primeira experiência revolucionária do arquiteto. Em relação à sua escolha pela SUDENE, Svensson afirma:

Ainda estudante universitário, vivi uma época de intenso questionamento dos destinos do Brasil e cedo assumi a posição de vir a atuar através do serviço público. Reforçar o serviço público, bem como a estatização e a nacionalização da vida prática de um país, constitui medida indispensável de oposição aos interesses privados multinacionais que minam a identidade econômica, política e cultural de uma nação. (GOMES, 1987, p.80)

A experiência de trabalhar na SUDENE proporcionou a Svensson algo que a profissão de arquiteto liberal jamais poderia lhe dar, o trabalho multidisciplinar. Esse convívio obrigatório e muitas vezes conflituoso para resolver os problemas sociais da multifacetada realidade brasileira pode não o ter transformado em sociólogo ou economista, mas com certeza contribuiu para torná-lo um arquiteto de senso aguçado:

A SUDENE foi uma grande escola para mim porque a gente foi obrigado a conviver com outras profissões para resolver problemas comuns. Ser interdisciplinar só na teoria é uma trabalheira pois cada disciplina quer ser mais importante que a outra e aí emperra, mas se você tem que chegar à solução de um problema comum com diferentes áreas profissionais, elas têm que se entender e chegar a um resultado.<sup>7</sup>

Na SUDENE o arquiteto realizou projetos de grande impacto social como a rede de Escolas Primárias padrão para as cidades do interior nordestino (1963), localizada no sertão; o Centro de Treinamento para Professoras Leigas e Centro de Supervisão de Ensino, de São Luís do Maranhão (1963), e os projetos dos núcleos populacionais de Bebedouro e Mandacaru, no Vale do São Francisco (1967-1970). Esses projetos, para o arquiteto, serviram para diminuição dos antagonismos das classes:

Enquanto os arquitetos agirem como instrumentos dos interesses da burguesia para a solução das necessidades arquitetônicas das classes exploradas, a arquitetura continuará refletindo tais desigualdades. A mudança de tal situação só se dá através da metamorfose do objeto social oprimido em sujeito também de suas soluções arquitetônicas. (SVENSSON, 1992, p. 107)

---

<sup>7</sup> Em entrevista concedida aos autores em 27-01-2017.



O Projeto de Irrigação do Bebedouro - PIB (1967-1970) em Petrolina foi um dos mais importantes estudos desse período por parte do arquiteto (Fig. 1). Nele, Svensson realizou um levantamento tipológico das habitações rurais, chegando na essência do abrigo humano ao entender mais sobre a "capa de cangalha"<sup>8</sup>, a estrutura mista de pau-a-pique – que se adequava muito bem ao tórrido sol do local –, e as necessidades do camponês nordestino<sup>9</sup>, que conduziam para uma espacialidade diferente daquela do camponês mineiro (onde a cozinha é o centro da morada).

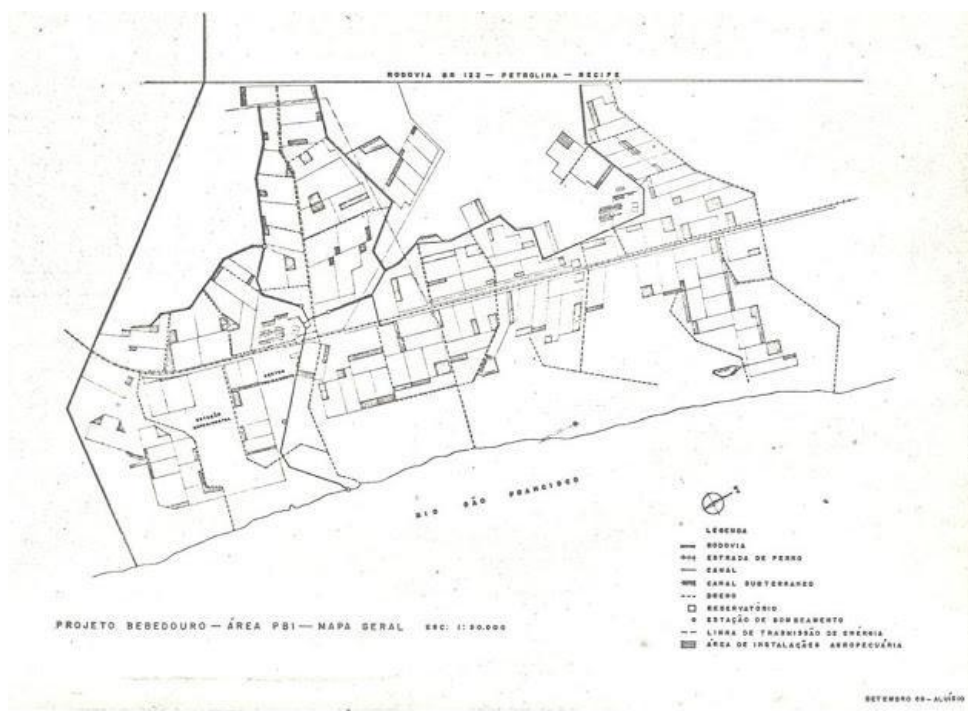


Figura 1 - Mapa geral do PIB.

Fonte: Acervo pessoal de Frank Svensson.

<sup>8</sup> Tipo de telha feita em cima da perna semelhante à telha colonial.

<sup>9</sup> A casa do camponês nordestino possuía duas varandas, uma para receber as pessoas que não são da casa e outra para elaborar os serviços domésticos, também continha nos fundos da casa uma fossa sanitária, e além disso, os espaços internos eram limitados por paredes que não iam até o teto, permitindo melhor aeração. (Em entrevista concedida aos autores em 27-01-2017).



O arquiteto afirma<sup>10</sup> que sua primeira impressão da área do PIB por certo sugeriria a concentração da população local em pequenos núcleos, proporcionando assim um nível mais elevado de sociabilidade, no entanto, por não haver tradição de nucleamento na região, a forma de instalação habitacional sugerida devia estar intimamente ligada à forma de uso da terra pois a arquitetura devia ser "...destinada a orientar o atendimento à demanda social de habitat, suas concepções devem radicar-se no conhecimento do ser humano na sua complexidade." (SVENSSON, 2001, p. I). Essa maneira de pensar encontra pontos de intersecção com a de Banham (1989) quando afirma que a arquitetura deveria encontrar suas afinidades mais íntimas não nos estilos arquitetônicos ou tendências, mas sim, nas formas das casas de aldeia e na maneira como o povo se comporta (BANHAM, 1989).

O PIB prevê a divisão da área de Bebedouro em duas subáreas dimensionadas em função de: distâncias máximas a percorrer por uma população não motorizada; utilização de manchas de solo agricultável; e população mínima a ser atendida pelos equipamentos básicos. Cada sub área abriga um equipamento básico de serviços essenciais para a população, são eles: ensino, recreação, artesanato, saúde e comércio. Dentre os principais projetos concebidos por Svensson para o PIB, estão a estação de bombeamento e as três tipologias de moradias.

A estação de bombeamento é um dos mais importantes elementos arquitetônicos para o projeto. Nela, diferentemente das soluções tradicionais para esse tipo de estação, Svensson desenvolveu uma cobertura de duas águas em cascas de concreto curvilíneas. O trecho de cumeeira, por sua vez, possui originalmente um grande rasgo com a finalidade de iluminação zenital e saída do ar quente. O sistema estrutural foi desenvolvido com pilares e vigas em concreto aparente, porém, a cobertura não descansa diretamente sobre a viga superior, pois essa tem a finalidade de estabilizar o conjunto e estruturar as paredes e elementos de vedação vertical composto por brises e janelas (Fig. 2).

---

<sup>10</sup> Retirado de: <http://franksvensson.blogspot.com/2012/11/como-nasce-um-arquiteto.html> em 03-07-2017.

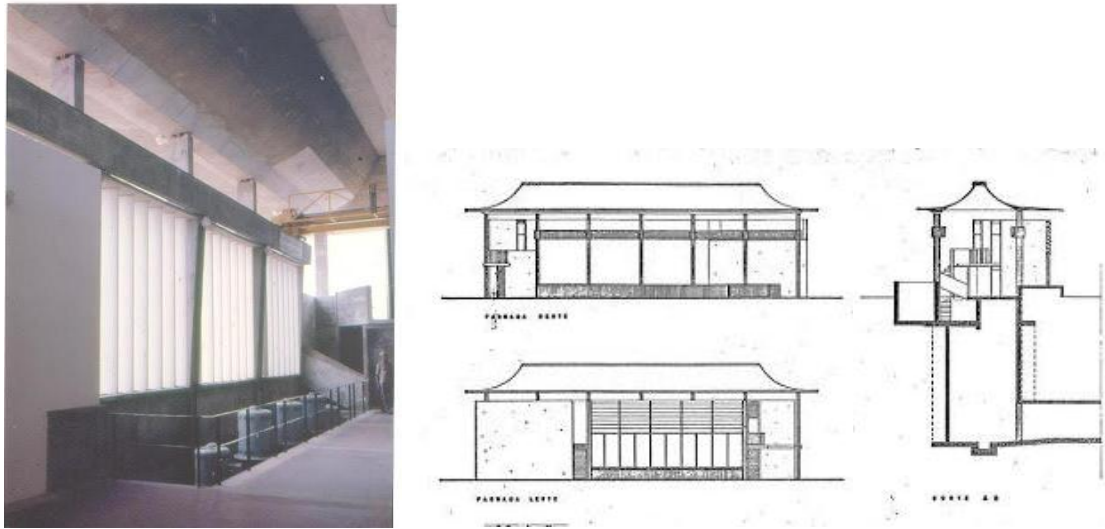


Figura 2 - Vista interna da estação de bombeamento, elevações e corte.

Fonte: Acervo pessoal de Frank Svensson.

A atitude de não descansar a coberta sobre a viga superior demonstra a delicadeza com que o arquiteto se identificava com as necessidades do construir local, e tem a finalidade de deixar passar a brisa resfriando a parte inferior da coberta. A harmonização do conjunto é aparente, resultando em um artefato que guarda fortes referências locais, com grandes beirais e fácil leitura tipológica, enquanto que os elementos e estrutura em concreto armado aparente remetem a esse esforço pelo entendimento do uso do concreto aparente como expressão de verdade e honestidade da edificação (Fig. 3).



Figura 3 - Vista externa da estação de bombeamento.

Fonte: Acervo pessoal de Frank Svensson.

Em relação ao projeto das moradas, Svensson adotou três tipologias de acordo com o usuário de cada uma: a primeira (M-1 e M-2), destinada aos colonos; a segunda (M-3), destinada a operários qualificados; e a terceira (M-4), destinada a técnicos de nível superior. Dentre estas, vale destacar a solução da residência ampliável (Fig. 4) para os colonos. As residências são um passo adiante da casa rural tradicional, no entanto, construída em série, e com novos materiais. Ela foi planejada através de uma lógica de inserção de módulos para ampliação (Fig. 5). O módulo básico, de um único quarto, possui dois terraços (alpendres), sendo um social, e outro para atividades de serviço. O banheiro, adequado aos costumes locais, é localizado no alpendre de serviço, descolado do fluxo interno da casa.



Figura 4 - Residência ampliável dos colonos.

Fonte: SVENSSON, 1992, p.93.



Figura 5 - Módulo básico da casa para os colonos e suas ampliações.

Fonte: Acervo pessoal de Frank Svensson.

As moradias M-3 e M-4 se distinguem da tipologia dos colonos por serem concebidas para usuários provenientes de uma realidade mais urbana (M-3) e da cidade grande (M-4). Estas moradias possuem uma solução espacial mais decorrente destas realidades, possuindo área ampliada de lazer e banheiro inserido na circulação interna da residência e, por vezes, abrigo para veículos. Além da estação de bombeamento e das residências, Svensson também projetou para o PIB o posto de controle de tráfego, que se trata de uma edificação com uma fina casca de concreto em parabolóide hiperbólico que se apoia em dois apoios (Fig. 6); uma escola primária, com a mesma lógica modular da moradia M-1 (Fig. 7); alojamento para treinados; alojamento para técnicos; garagem oficina, entre outras edificações.



Figura 6 - Posto de controle de tráfego. Fonte: Acervo pessoal de Frank Svensson.

Figura 7 - Vista da escola primária. Fonte: SVENSSON, 1992, p.97.

Durante o período que Svensson esteve na SUDENE, ele projetou algumas residências para amigos – além da sua própria –, onde é possível identificar algumas das características que ele já vinha adotando e continuou a adotar durante todo o período de atuação em Pernambuco. Entre essas características podemos evidenciar: o uso de materiais predominantemente aparentes (principalmente o concreto e o tijolo); espacialidades bem resolvidas e sem exageros; forte integração ao ambiente externo, seja através de visadas ou através de jardins internos; utilização de jogos de volumes dinâmicos, e, em muitos casos; soluções complexas de cobertas em concreto levemente curvilíneas, com rasgos para iluminação e ventilação em *sheds* ou janelas altas. Dentre

essas residências podemos citar a do arquiteto (1964), a Aldo Freire (1970) e a Lineu Borges Escorel (1969).

Svensson projetou a sua própria residência em Bairro Novo - Olinda, em 1964, a primeira residência projetada pelo arquiteto fora do âmbito da SUDENE. O projeto foi premiado pelo IAB-PE em 1969 na categoria “Habitação Unifamiliar”, além de ser publicado na Revista Acrópole. A estrutura da residência é toda em paredes portantes com tijolos – ora deitados, ora em pé – em suas laterais (Fig. 8). Essas paredes portantes apoiam a laje e a cinta de concreto aparente plana, enquanto as paredes frontais e posteriores são soltas da cobertura para a renovação do ar (Fig. 9). As solução das paredes portantes demonstra o cultivo a favor da expressão da materialidade da edificação e respeito tanto pelas técnicas construtivas, quanto pelos materiais por parte do arquiteto. Tal solução foi bastante utilizada no período do pós-guerra, adotada principalmente pelo franco-suíço Le Corbuiet e pelo inglês James Stirling.

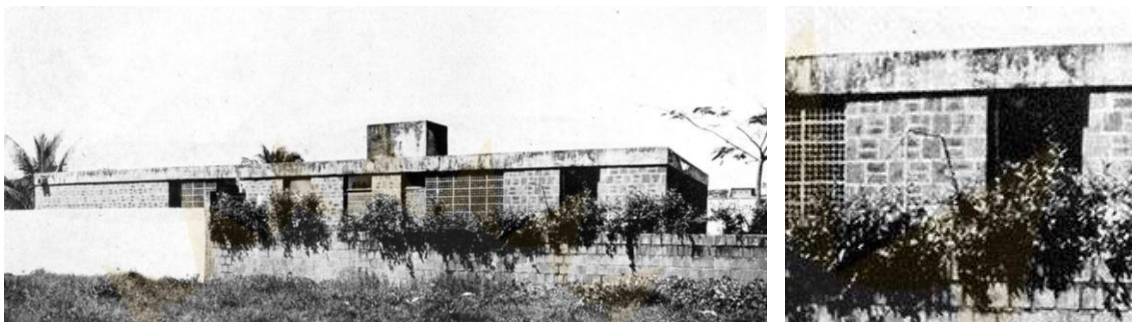


Figura 8 - Vista lateral da casa com parede portante em tijolo e cinta superior. Ao lado detalhe do assentamento do tijolo.

Fonte: Revista Acrópole, edição 368, 1969, p.28. Imagem aproximada editada pelos autores.

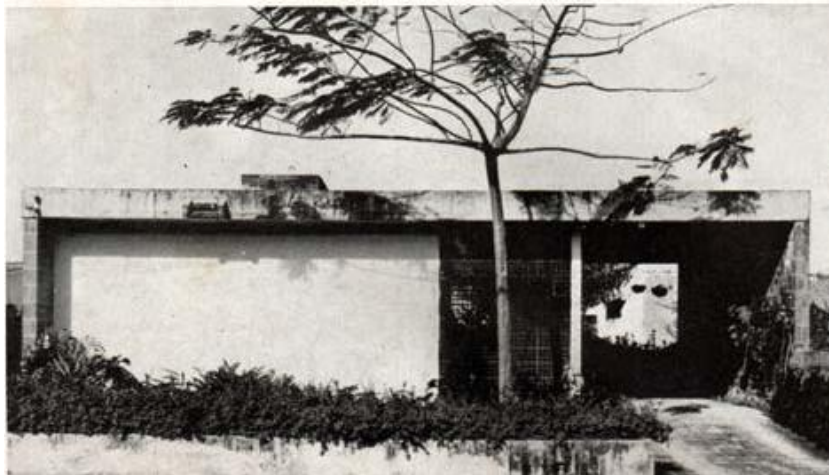


Figura 9 - Vista frontal da casa e da parede frontal branca solta da laje. Fonte: Revista Acrópole, edição 368, 1969, p.29.

A solução espacial adotada pelo arquiteto é de criar um pequeno pátio lateral e outro posterior, permitindo o melhor aproveitamento da ventilação e permitindo um franco contato do externo com o interno. Internamente, a laje de concreto aparente e as paredes de tijolo aparente delimitam os vazios, e são cortados por rasgos superiores e por planos de cobogós. Todos estes elementos contribuem para a construção de uma espacialidade espartana e confortável (Fig. 10).

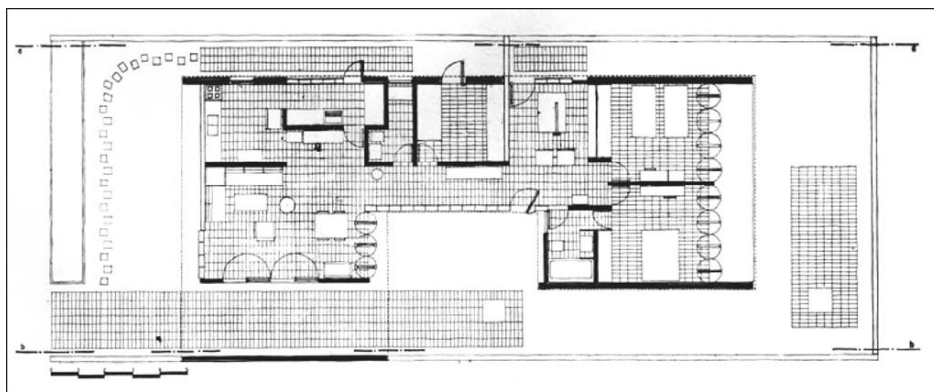


Figura 10 - Planta baixa da residência do arquiteto.

Fonte: Premiação do IAB, 1969.

Já o projeto da Residência Lineu Borges Escorel (1969), elaborado em parceria com a arquiteta Cristina Jucá, se destaca pela busca da síntese entre o espaço e os elementos estruturais. A cobertura curva, característica marcante nas obras de Svensson, suprime os afastamentos laterais, enquanto a diferença de nível e os vazios de pé direito duplo

configuram um pátio central com um jardim em desnível. Esse pátio com iluminação/ventilação zenital tem a finalidade de separar os setores da casa (Fig. 11). A importância desse espaço foi evidenciada por Svensson: “O elemento vazado da cobertura permite, na parte do jardim interno em talude, unir certa queda de chuva e tiragem de ar e, através de pequenos vidros, às vezes de cor, a valorização, pela luz, da área de serviço.”<sup>11</sup>

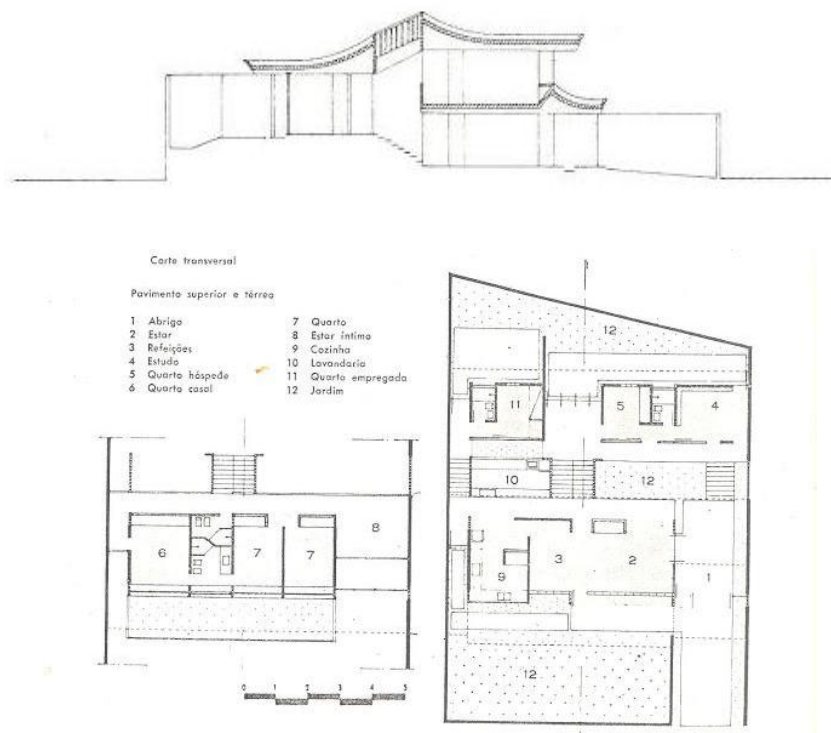


Figura 11 - Corte transversal e plantas da residência Lineu Borges.

<sup>11</sup> Retirado de: <http://franksvensson.blogspot.com/2015/11/parte-iv.html> em 03-07-2017.



Fonte: Revista Acrópole, edição 381, 1971, p.37.

A grande cobertura (Fig. 12) aparece como elemento chave para integração dos setores, bem como tem um papel essencial para a ventilação e para a proteção do forte sol da região. Na parte central, abrindo-se para a água posterior da cobertura, um pergolado tem a finalidade de iluminar/ventilar o pátio/jardim central. A cobertura é de nervuras e blocos cerâmicos, deixados de maneira aparente, e é apoiada por uma estrutura em armação de pilar e viga de concreto aparente (Fig.13). Paredes que não atingem o teto, proporcionando a troca de ar mesmo quando as portas e janelas estiverem fechadas, e grandes beirais – que oferecem além de sombreamento uma transição confortável do ambiente interno para o externo – complementam a construção da composição do artefato.

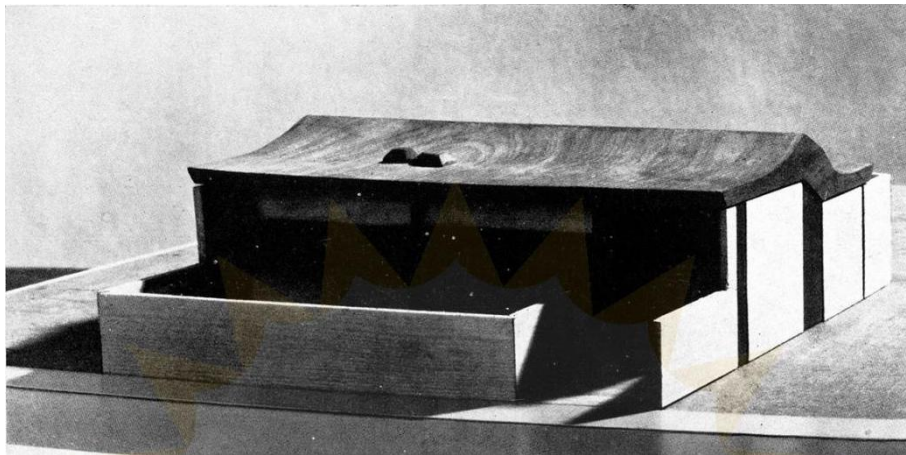


Figura 12 - Maquete da residência Lineu Borges.

Fonte: Revista Acrópole, edição 381, 1971, p.34.



Figura 13 - Vista externa da residência e do sistema de vigas e pilares que suportam a cobertura de laje nervurada curva.

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2017).

Um dos projetos pelo qual o arquiteto tinha grande apreço – mas que nunca foi construído – era o da Residência Aldo Freire (1970). Destinada a um casal de sociólogos com um filho, a casa seria localizada numa parte alta da nova Olinda com uma paisagem marcante, pois de um lado haveria a vista para a cidade histórica, e de outro, a vista para o mar. Svensson procurou preservar e valorizar ao máximo a declividade natural do terreno ao distribuir o zoneamento em três níveis (Fig. 14): no primeiro se situaria a parte de garagem, serviço e cozinha, já integrada espacialmente com a área de jantar; no segundo se encontraria a área de estar, que “...se abre para a velha Olinda com suas igrejas e casarões, e a área de refeições voltada para um jardim interno”<sup>12</sup>; no terceiro nível estariam os quartos, que “...providos de sacadas, permitem ampla visão para o mar.”<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Retirado de: <http://franksvensson.blogspot.com/2015/11/parte-iv.html> em 03-07-2017.

<sup>13</sup> Idem.

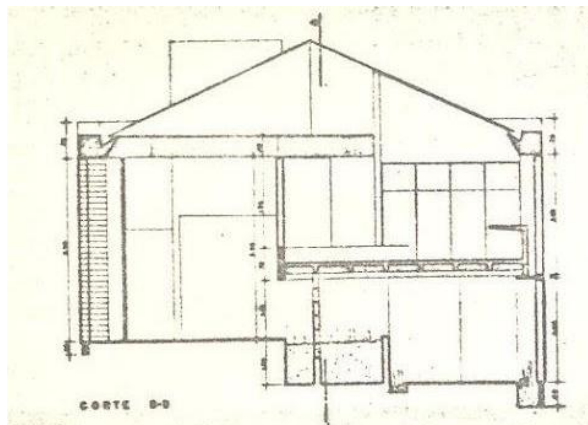


Figura 14 - Corte transversal da residência Aldo Freire e de seus diversos níveis.

Fonte: Acervo pessoal de Frank Svensson.

A atraente espacialidade imposta pelos desníveis seria complementada por uma expressiva solução estrutural que culminaria numa peculiar cobertura. As paredes limítrofes da casa deteriam os pilares que se elevariam para suportar as vigas intermediárias do pavimento superior. Este pavimento possuiria a laje do piso em concreto armado nervurado, enquanto que as vigas de concreto superiores também funcionariam como calhas (Fig.14). A amarração frontal e posterior dessas vigas se transformariam numa grande peça de concreto armado que Svensson chamou de “bandeja”<sup>14</sup> (Fig.15). Essa “bandeja” possuiria suas extremidades chanfradas – o que remete às soluções de cobertas da arquitetura do *betón brut* corbusiana – e apoiaria uma casca de concreto predominantemente piramidal que seria “formada por quatro membranas em parabolóide hiperbólico ligadas entre si por nervuras de concreto armado.”<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Idem.

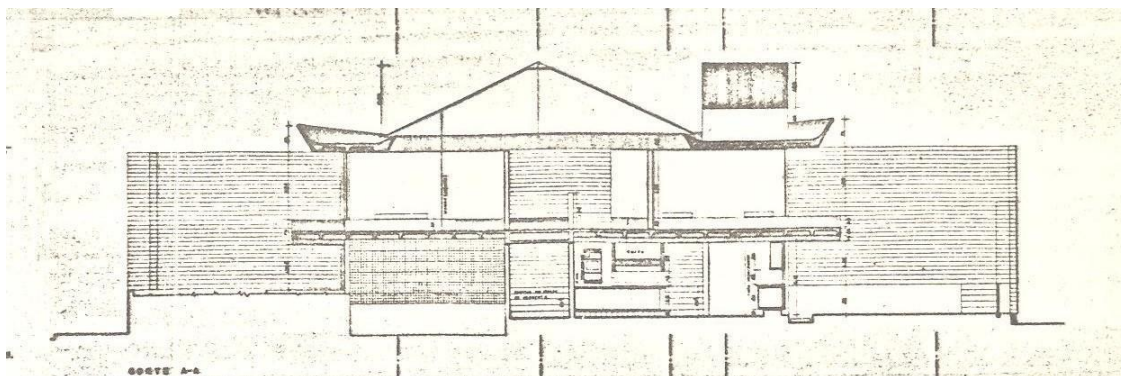


Figura 15 - Corte longitudinal da residência Aldo Freire e de sua cobertura.

Fonte: Acervo pessoal de Frank Svensson.

O Presidente João Goulart foi deposto, e com a Revolução de 1964, os militares começaram a fazer uma 'limpeza' nos órgãos federais afastando aqueles que simpatizassem com o ideal comunista. A principal liderança da SUDENE – Celso Furtado – foi exilada do Brasil (indo para os Estados Unidos), assim como Miguel Arraes (exilado na Argélia). A SUDENE entrou, de 1965 a 1968, num período de esvaziamento e revisão de prioridades, inclusive, “...a literatura a respeito evidencia enorme distância entre a ideia do projeto de desenvolvimento regional que os técnicos da SUDENE tinham em mente e a ideia de desenvolvimento mais “egoísta” (ou estadualista) dos políticos nordestinos” (CABRAL, 2011, p.33). Com a diminuição dos afazeres na SUDENE e com sua mudança de direção, Svensson decidiu, definitivamente, se associar ao arquiteto Marcos Domingues e dedicar mais tempo a atividade de profissional liberal.

## SVENSSON E DOMINGUES

Após uma grande cheia do Rio Capibaribe, em 1965, que danificou terrivelmente a ponte da Capunga, os arquitetos Marcos Domingues, Mauro Domingues, Paulo Correia e Frank Svensson adquiriram uma casa nessa área que foi sendo aos poucos restaurada para ser utilizada como escritório<sup>16</sup>. Svensson frequentava o escritório dos arquitetos

---

<sup>16</sup> Em entrevista concedida aos autores em 27-01-2017.



após seu trabalho na SUDENE. No entanto, foi o projeto do Templo Evangélico<sup>17</sup> (1965) que uniu definitivamente Domingues e Svensson.

O arquiteto Marcos Domingues, discípulo declarado de Mario Russo, formou-se pela Escola de Belas Artes do Recife em 1954 (FREIRE, 2009). Assim como Svensson, Domingues também tinha sua herança, suas próprias influências e sua maneira de projetar e, como Rose Domingues bem afirma, “navegava livremente entre as linhas organicista e racionalista em suas obras”<sup>18</sup>. Domingues era um admirador de Artigas, tanto arquitetonicamente quanto ideologicamente (NASLAVSKI, 2004, p. 218), ambos eram do mesmo partido, e Domingues se identificava como socialista. Essas afinidades aproximaram Marcos Domingues de Frank Svensson e, além disso, a maneira de projetar de Domingues assim como a de Svensson, possuíam um valor simbólico e de adequação local, que quando fundidas, resultaram em obras de grande valor para a arquitetura de Pernambuco.

O Templo Evangélico (1965) uniu a dupla pois Svensson se identificou inicialmente por ser filho de pastor e Domingues por causa de sua crença. A demanda inicial solicitada para os arquitetos era que a igreja comportasse um total de três mil lugares, no entanto, a solução dos arquitetos incorporou aproximadamente dois mil lugares fixos, com a possibilidade de complementar com mais cadeiras em amplas áreas de circulação (Fig. 16). Sem esquecer a cultura e o clima local, na parte frontal do templo chega-se logo a um terraço coberto resguardado por expressivos pilares e pela cobertura de concreto. Ali, os transeuntes podem se proteger do sol, relaxar e conversar, antes de entrar no espaço de culto.

---

<sup>17</sup> O templo evangélico em questão está localizado em Recife, nas proximidades do Parque 13 de Maio, no cruzamento entre a Avenida Cruz Cabugá e Rua dos Palmares.

<sup>18</sup> Em entrevista a Rose Domingues (arquiteta e filha de Marcos Domingues), concedida aos autores em 27-01-2017.

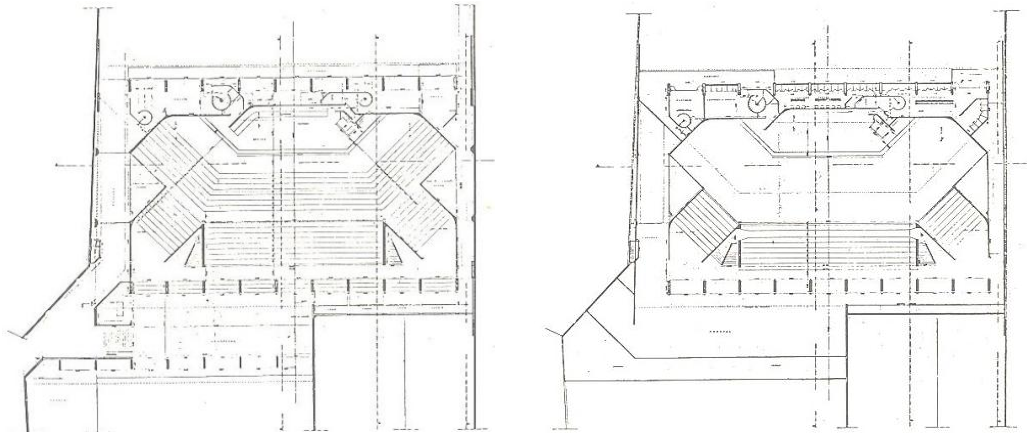


Figura 16 - Planta baixa (esquerda) e mezanino (direita) da Igreja Evangélica.

Fonte: SVENSSON, 1992, p.101.

A Igreja possui claras referências à arquitetura do *béton brut* do pós-guerra. Svensson e Domingues trabalharam com linhas e septos também a 45 graus, evidenciando uma forte e expressiva plasticidade interna repleta de reentrâncias, saliências, iluminações zenitais e balcões que apontam para o altar, perseguindo claramente essa nova expressão de espaços internos eclesiais e de contemplação típicos do período. Além disso, na parte interna, as superfícies de concreto aparente texturizadas tornam ainda mais expressiva essa monumentalidade explorada como matriz do espaço sacro (Fig.17). Infelizmente, a igreja sofreu descaracterizações, principalmente em seu espaço interno<sup>19</sup> (Fig. 18).

---

<sup>19</sup> Atualmente a Igreja conta com diversas superfícies externas cobertas com cerâmica 10x10 branca. A descaracterização mais séria se deu na aplicação de reboco e pintura nas superfícies internas, especialmente na cobertura, que originalmente possuía grandes painéis com iluminação zenital que foram cobertos com forro de gesso, e as expressivas marcações das vigas que também foram vitimizadas por um rebaixamento de forro para instalação de uma iluminação embutida.



Figura 17 - Vista geral do espaço interno da Igreja Evangélica.

Fonte: GOMES, 1987, p.81.



Figura 18 - Vista do espaço interno da Igreja com a descaracterização.

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2017).

Os arquitetos também projetaram duas residências que apesar de possuírem soluções bastante distintas, são importantes exemplares da arquitetura desse período. São elas: a Residência Enário de Castro (1968) e a Residência Paulo Meirelles (1968).

A Residência Enário de Castro (1968) – que hoje se encontra abandonada<sup>20</sup> – se trata de um dos poucos exemplares de Pernambuco em que se utiliza uma solução espacial semelhante a do “grande abrigo” adotada por Vilanova Artigas e pelos arquitetos da Escola Paulista (CANTALICE; MOREIRA, 2011). Com forte integração e fluidez espacial, os setores da casa se integram diretamente. O setor íntimo, inclusive, mesmo estando no primeiro pavimento, tem sua circulação de acesso aos quartos totalmente integrada com a área social devido ao pé direito duplo (Fig. 19-20). O espaço social possui alguns rasgos para iluminação zenital e a grande coberta é levemente arqueada na parte mais alta. Essa rica espacialidade interna se integra perfeitamente com o jardim – que entra na casa a partir da rua (Fig. 21) – e com o pátio posterior (Fig. 22), e é inclusive ressaltada por Svensson:

Ela é uma afirmação da cidade com a moradia, mas utópica na realidade de hoje, né? Porque ela se abre para a rua e depois ela tem uma divisão interna para a vida íntima. O jardim da frente atravessa uma grade e entra na casa, e a parte de trás não é nenhum quintal ou um pátio de valor secundário, é também um lugar de estar.<sup>21</sup>

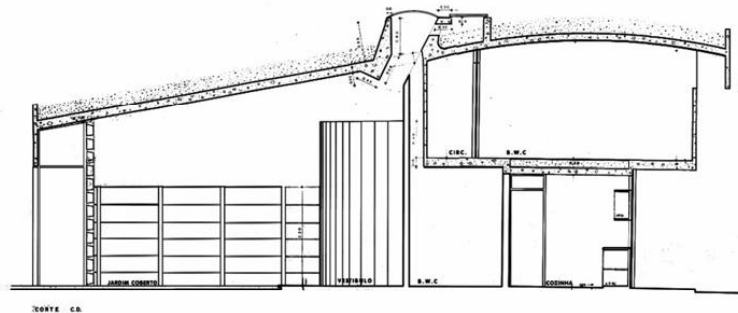


Figura 19 - Corte longitudinal da Residência Enário de Castro e seu grande abrigo.

Fonte: Premiação do IAB, 1969.

<sup>20</sup> Atualmente a residência se encontra abandonada e em péssimas condições. Sua fachada frontal, originalmente bastante integrada com a rua através de grandes aberturas e do jardim foi fechada com alvenaria de tijolos, enquanto que sua parte interna foi saqueada há alguns anos, resultando em perda de fiação elétrica, louças, balcões e portas internas.

<sup>21</sup> Em entrevista concedida aos autores em 27-01-2017.





Figura 20 - Vista da circulação da área íntima para o grande espaço social.

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2017).

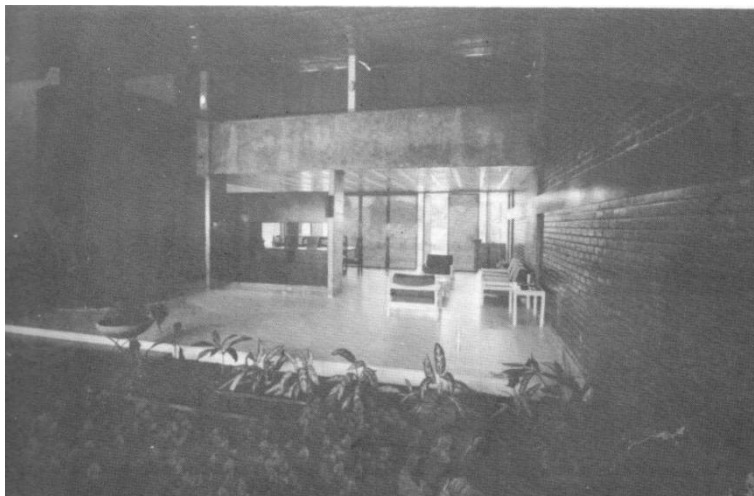


Figura 21 - Vista do jardim que entra na área social a partir da rua.

Fonte: SVENSSON, 1992, p.99.



Figura 22 - Vista do pátio posterior e da integração do conjunto com a área íntima externa.

Fonte: Premiação do IAB, 1969.

Além da rica contribuição espacial da Enário de Castro, seus detalhes, reentrâncias e saliências nas superfícies demonstram a importância da materialidade para entendimento do todo. As superfícies de concreto deixam sua textura rugosa aparente, as paredes de vedação das empenas laterais são em tijolo aparente, e o cilindro que serve de apoio externo à escada helicoidal é rebocado com um acabamento rugoso e pintado de branco. A construção da escada é um detalhe à parte: a estrutura dos degraus é feita em chapas e pinos metálicos para suportar o piso de madeira, e esse, por sua vez, se solta e deixa passar a luz através dos pinos de fixação. Como um caleidoscópio de sombra e luz, os detalhes permitem uma interessante experiência ao se utilizar a escada (Fig. 23).



Figura 23 - Vista da escada helicoidal.

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2017).

A Residência Paulo Meirelles (1968) – diferentemente da Enário de Castro – se desenvolve em forma de T (Fig. 24). Os setores se distribuem nitidamente nos três braços, enquanto que o espaço central serve de área de conexão entre os setores e a circulação vertical para o primeiro pavimento, onde o Dr. Paulo Meirelles tinha seu consultório. No bloco principal (Fig. 25) encontra-se o setor social composto por uma ampla sala de estar, terraço e um mezanino que se descortina para o antigo consultório. A sala possui ventilação cruzada através das portas pivotantes de madeira com veneziana que abrem para o terraço, e do painel de cobogó que se abre para o poente. O bloco íntimo chama a atenção, pois todos os quartos se integram com um grande terraço/alpendre frontal. Esses quartos também podem se abrir para a circulação interna, que, por sua vez, também é conectada a um jardim com pérgolas que vai desde o setor íntimo até o setor de serviço.

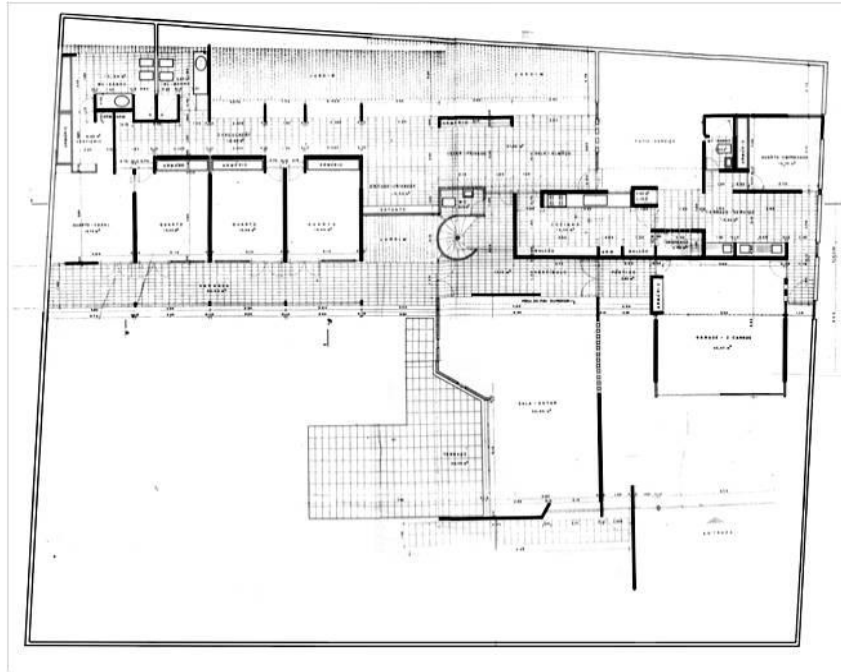


Figura 24 - Planta baixa da Residência Paulo Meirelles.

Fonte: NASLAVSKY, 2004, p.225.



Figura 25 - Vista do bloco social central e de seu terraço.

Fonte: Acervo Adonis Dutra (2017)

Nessa residência os arquitetos utilizaram diversas soluções de adequação climática, tais como cobogós, venezianas, paredes recuadas, paredes que não atingem a altura da cobertura para a entrada de iluminação e ventilação natural, abertura zenital, entre outras soluções próprias para o clima da região. Entretanto o cuidado e expressão relativo a cobertura inclinada, que, mais uma vez – seguindo a lógica que Svensson já utilizava – é levemente curvilínea, é levado ao extremo (Fig. 26). O grande volume social, por ter um pavimento superior, ergue-se com expressividade, encerrando-se numa atraente ponta posterior. Esta ponta, inclusive, é responsável por construir uma atraente espacialidade interna no ambiente do consultório, composto pelo volume da escada helicoidal com o reservatório de água acima; por um grande painel de esquadria curvilínea da fachada posterior; e pelo lavabo com iluminação natural proveniente de uma seteira com vidro amarelo (Fig. 27). No restante da residência, entretanto, também é possível encontrar diversos pontos em que a cobertura curvilínea se encerra transformando-se em *sheds* de iluminação zenital ou mesmo coletores de ventilação para renovação de ar (Fig. 28-29).

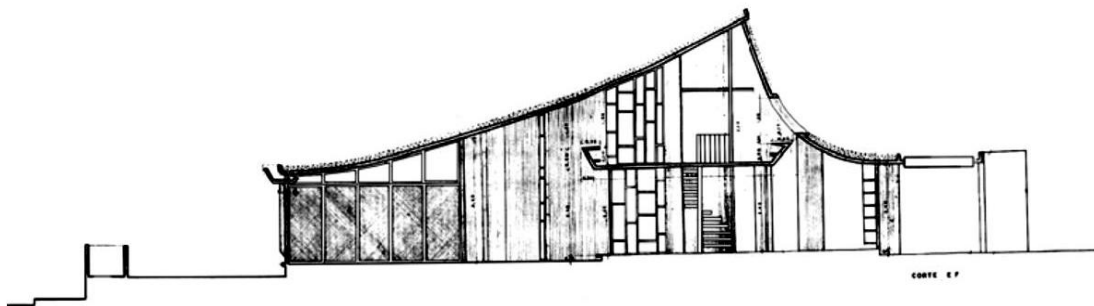


Figura 26 - Corte longitudinal demonstrando a solução da cobertura no volume principal.

Fonte: NASLAVSKY, 2004, p.225.



Figura 27 - Vista do consultório.

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2016).



Figura 28 - Vista do esquema de iluminação/ventilação do quarto. Fonte: Acervo pessoal dos autores (2009).

Figura 29 - Vista da área de copa com a iluminação/ventilação zenital. Fonte: Acervo pessoal dos autores (2009).

Ainda em 1968 Svensson e Domingues projetaram a Sede da Rede Ferroviária Federal de Recife - RFFSA. Neste projeto Svensson participou ativamente na parte do detalhamento, das discussões e da afinidade artística decorrente de sua experiência; enquanto que Domingues desenvolveu em grande parte o partido geral<sup>22</sup>. A edificação é

<sup>22</sup> Em entrevista concedida aos autores em 27-01-2017.

composta por três blocos principais: um de três pavimentos, um de dois pavimentos, além de uma torre de seis pavimentos, que se ergue a partir do bloco de três pavimentos (Fig. 30). Os dois volumes mais baixos possuem angulações de maneira que se distribuem em forma de cunha, voltando os blocos mais baixos para o terminal ferroviário (Fig.31). Além disso, por estar inserida em um contexto com edificações predominantemente baixas e de importância histórica, a RFFSA se destaca por possuir um confortável gabarito escalonado – mais baixo nos blocos periféricos, e mais alto no bloco central – respeitando a importância de edificações históricas do entorno a exemplo da Casa de Detenção e da Estação Ferroviária Central.



Figura 30 - Vista geral da Sede da Rede Ferroviária.

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2016).

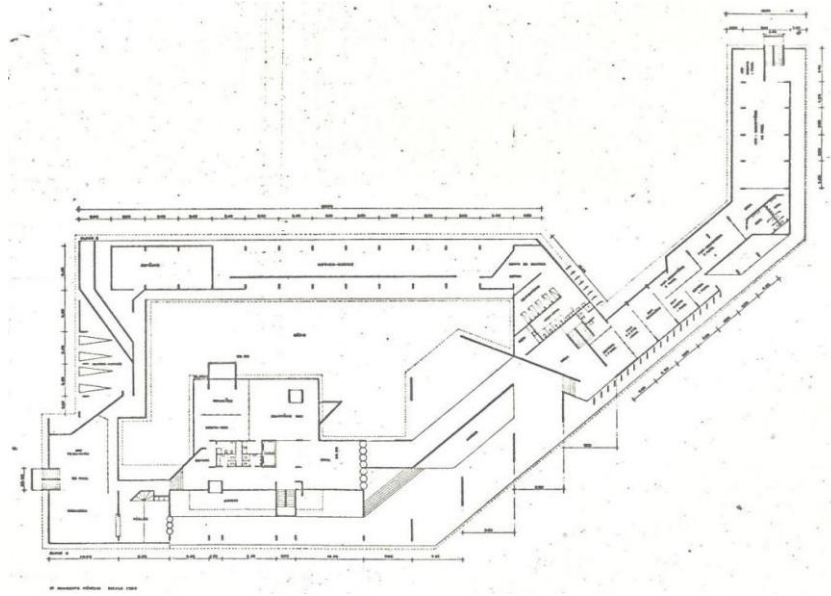


Figura 31 - Planta baixa da Sede da Rede Ferroviária.

Fonte: Acervo pessoal de Frank Svensson.

O jogo de volumes escalonados e suas reentrâncias e saliências fazem com que, externamente, o conjunto não torne clara a ideia de fachada principal. Por outro lado, internamente – devido ao pé direito em alturas distintas em cada bloco – essa intenção contribui para uma complexa leitura do espaço, repleto de recortes, passarelas e desníveis (Fig. 32) que se assemelham ao conceito de *strata*, adotado por Denys Lasdun em seus projetos (CURTIS, 1997). Esse sistema marcou a arquitetura brutalista inglesa e tem a finalidade de tornar os espaços mais complexos devido aos altos e baixos. Além disso, devido ao formato angular da RFFSA, em diversos momentos abrem-se jardins internos, maiores ou menores, que contribuem para o escape de ar quente e entrada de luz, resultando em agradáveis espaços de descanso. Esses espaços – que deixam entrar a luz e respirar a edificação – refletem de maneira poética as sombras do conjunto e das árvores nas superfícies de concreto cru que são ora predominantemente lisas, moldadas em compensado, ora fortemente texturizadas com brita pedrisco e brita 1 (Fig.33).





Figura 32 - Vista do pátio interno e dos desníveis dos blocos.

Fonte: CANTALICE & MOREIRA, 2011, p.39.

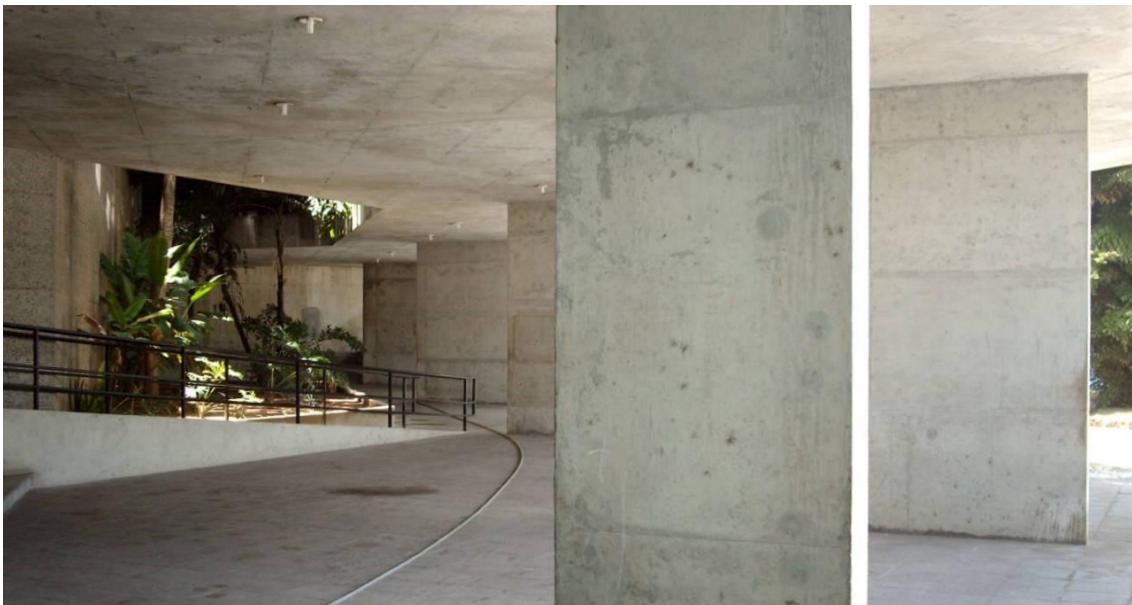


Figura 33 - Vista de um acesso com pátio interno e textura rugosa de brita (ao fundo, e esquerda) enquanto que os pilares e lajes são em concreto predominantemente liso.

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2009).

A harmonia do edifício, no entanto, não se deve apenas à solução espacial, mas também às estratégias utilizadas pelos arquitetos para o maior conforto na edificação. Entre tais soluções podemos citar: a adoção de planos livres, possibilitando a delimitação de compartimentos internos por elementos móveis; a aplicação de elementos e materiais adequados à região como o *brise-soleil*; os elementos vazados, destacando-se o tijolo furado; e também as platibandas, que sacam dos volumes principais transformando-se em beirais (Fig.34). Em relação às técnicas e materiais empregados, o uso do concreto é predominante tanto no sistema estrutural como nas vedações, brises e coberta. O bloco mais baixo, destinado a estacionamento, possui um peculiar sistema de laje nervurada onde as nervuras são de perfis I de ferro, enquanto que a parte superior é constituída de abóbadas de concreto que resultam numa peculiar e atraente solução técnica (Fig. 35).

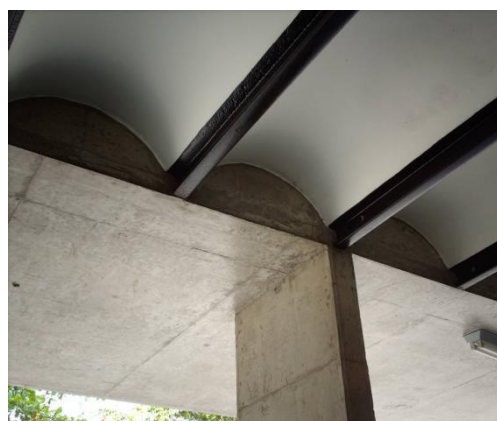


Figura 34 - Vista da fachada poente protegida com beirais, brises e cobogós cerâmicos. Fonte: Acervo pessoal dos autores (2016).

Figura 35 - Detalhe da cobertura nervurada em metal e abobadas. Fonte: Acervo pessoal dos autores (2009).

Além dos projetos acima citados, os arquitetos realizaram outros projetos como o Ginásio de Paulista, a Residência Zenaldo Rocha em Recife e o projeto de um clube para operários das oficinas da RFFSA em Jaboatão dos Guararapes. Fica claro que os frutos dessa sociedade estiveram sempre alinhados com a cultura local, como Marcos Domingues muito bem destacou:

Uma arquitetura resultante de uma parceria entre o arquiteto e a comunidade interessada; Uma arquitetura que valoriza os elementos arquitetônicos e as formas de conceber os espaços próprios da cultura nordestina; Uma arquitetura que considera o homem em sua integridade e



que responde às condições climáticas locais; Uma arquitetura que busca reutilizar o repertório popular, os materiais e as técnicas dentro do mesmo espírito de simplicidade e provar que, através de soluções mais acessíveis à economia popular, atingiríamos níveis satisfatórios tanto do ponto de vista técnico quanto do ponto de vista estético; Uma arquitetura que explora os diferentes sistemas estruturais e que trabalha com as vedações como elementos de valorização da experiência espacial, o “trato espacial” e; Uma arquitetura que rejeita as soluções formais exóticas e estranhas às culturas locais. (GOMES, 1987, p.88)

No final da década de 1960, com a SUDENE já no processo de esvaziamento, Svensson, a pedido dos arquitetos comunistas de São Paulo, rumou para Brasília para assessorar dois deputados comunistas na Capital. Em 1971 o arquiteto foi admitido no Departamento de arquitetura da UnB, com a função de dar apoio a partir da experiência da SUDENE, dissolvendo, assim, a sua parceria com Marcos Domingues.

## CONCLUSÃO

Frank Svensson defendia o processo de construção da arquitetura como qualquer processo de construção social, principalmente por acreditar não haver conhecimento efetivo sem ação consciente sobre um determinado objeto (SVENSSON, 2001, p. II). Para Svensson, a arquitetura não é somente “percepção da percepção” ou “formar a forma”, como ele bem ilustrou em *Criação e Necessidade* (1992, p.160), mas sim, é resultado de um conjunto igualmente importante, igualmente relevante, e igualmente equilibrado. Essa equidade de importância dada aos fatores que devem incidir sobre um projeto de arquitetura resultam em uma visão de arquitetura completa, pois considera analogamente importante o ato de projetar e construir, bem como a representação social desse ato.

Em relação ao ato de projetar e construir, é possível perceber na obra de Svensson – tanto no período da SUDENE quanto durante a sociedade com Domingues – uma procura pela expressão do concreto aparente e pelas interconexões entre a arquitetura local e a arquitetura “internacional”<sup>23</sup> do brutalismo. Esse discurso, francamente

---

<sup>23</sup> Aqui procuramos entender o termo “internacional” dentro da ótica defendida por Svensson e Artigas já expostas na introdução desse artigo.



alinhado com a arquitetura do chamado brutalismo corbusiano (CANTALICE, 2014), vai ser adotado não somente a partir da retórica da “verdade dos materiais”, mas também, a partir de um código formal relacionado com essa expressão do período que diz respeito a composições estratificadas, forte justaposição entre as partes e expressivos jogos de reentrâncias e saliências. O resultando disso são edificações majoritariamente pesadas e com composições exóticas, mas que se adequam muito bem ao contexto através de inteligentes soluções de adequação climática. Entre as obras que possuem essa linguagem formal podemos citar: o Posto de Controle de Tráfego do PIB, principalmente pela solução de sua cobertura em parabolóide hiperbólica; a Residência Paulo Meirelles, principalmente pela adoção das coberturas em concreto curvas em níveis distintos e com rasgos de iluminação/ventilação zenital; e a Sede da RFFSA, principalmente pela maneira com que o conjunto se harmoniza a partir da noção de *strata*, com seus desníveis e grandes superfícies protegidas por cobogós e brises de concreto.

Em relação à representação social desse ato de construir, é possível perceber na obra de Svensson uma clara manifestação ideológica que resulta de um profundo entendimento das questões sociais e culturais. Para Svensson, o pleno exercício do arquiteto só pode ser alcançado quando o mesmo possui embasamento filosófico e domínio social suficientes para interpretar e sugerir melhorias no atual e contraditório contexto da sociedade de classes que habitamos (SVENSSON, 1992, 2001). Tal embasamento aparece, a priori, como uma manifestação a favor da uma tentativa de entender as relações entre os contextos urbanos, os edifícios e as culturas, para compreender como ocorrem as relações humanas. Essa compreensão tornaria possível a transferência dessas experiências para um plano abstrato - através do ato de projetar - que possibilitaria a recriação de uma sociedade mais justa. Todas as obras de Svensson em Pernambuco possuem esse ímpeto por terem sido concebidas dentro de um âmago consciente. No entanto, algumas delas demonstram com mais clareza tais características, como: o módulo da casa para os colonos do PIB, que parte de uma matriz habitual ao morar local, com a exploração das varandas frontais e posteriores comum a cultura de morar local; a Igreja Evangélica, que faz referência à monumentalidade do espaço sacro a partir da grande cobertura como espaço único de união e dos grandes rasgos zenitais que



apontam para o altar; e a Residência Enário de Castro, como manifestação da ideia de grande abrigo, onde todos os setores se abrem para o grande espaço social central enquanto este guarda estreitas relações com a rua e com o pátio posterior, integrando o núcleo familiar com o meio urbano.

No início do ano de 2018 Frank Svensson nos deixou, mas suas obras persistem com claro reconhecimento local como retratos desse período áureo da arquitetura moderna de Pernambuco. A maior contribuição do arquiteto, entretanto, não se dá exclusivamente na esfera arquitetônica, nem mesmo social, mas sim na esfera daquilo que Miranda (2013) chama de civilidade – medida através da justiça social, da síntese poética da ciência livre, da ética universal e da dialética entre indivíduo e natureza –, e a arquitetura de Frank Svensson é, certamente, civilidade materializada no espaço-tempo.

## REFERÊNCIAS

BANHAM, Reyner. **El Brutalismo en Arquitectura: ¿Ética o estética?**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989.

CABRAL, Renan. 1959. Das ideias à ação, a Sudene de Celso Furtado – oportunidade histórica e resistência conservadora. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro: Ano 6, nº 8, p.17-34, mai. 2011.

CANTALICE, Aristóteles; MOREIRA, Fernando. Novas sensibilidades construtivas na arquitetura pernambucana, 1965-1980. **Cadernos do PROARQ**, Rio de Janeiro, RJ, nº16, p.34-46, jun. 2011.

CANTALICE, Aristóteles. Existe algo atrás da porta: O brutalismo em Pernambuco. In **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Minas Gerais, v.21, n.28, p.144-165, 1º sem. 2014.

CURTIS, William. **Modern Architecture since 1900**. London: Phaidon, 1997.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE, Adriana. De Recife, Marcos Domingues da Silva. **Revista Arquitetura & Urbanismo**, Edição 178, jan. 2009.



GOMES, Geraldo. Repensando uma trajetória de 15 anos de Arquitetura: entrevista a Frank Svensson. **Revista Projeto**, São Paulo, nº 106, p.79-88, dez. 1987.

MIRANDA, Antonio. **Arquitectura y Verdad: Un curso de crítica**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2013.

NASLAVSKY, Guilah. **Arquitetura moderna em Pernambuco, 1951-1972, As contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim**. São paulo, 2004.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 2 ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SVENSSON, Frank. **Arquitetura, Criação e Necessidade: algumas indicações para a formação de arquitetos na República Popular de Angola**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

SVENSSON, Frank. **Visão de Mundo: Arquitetura**. Brasília: Edições ALVA, 2001.